

# MARCIO\* 8 FEB 1997 MOREIRA ALVES



de Brasília

## A poção mágica

• O Itamaraty dirá que não. Os diplomatas são treinados para jurar sobre a Bíblia as maiores barbaridades, sem mexer um músculo da face e sem temer o fogo do inferno. Ana Tavares, a sempre fiel e veraz secretária de imprensa, tratará de esconder-se dos colegas. Ela não mente nunca. Mas a verdade é que a viagem carnavalesca do presidente pouco tem a ver com os investimentos da City.

Viajar para o exterior no carnaval é uma opção sábia, que evita vexames como o do gênio Itamar, fotografado no Sambódromo com o seu ministro da Justiça de porre, ao lado de um beldade de ocasião, com as vergonhas à mostra. Evita, ainda, ter de incentivar bairrismos, elegendo entre os trios elétricos de Salvador, os blocos de Olinda ou o desfile das escolas de samba do Rio, que seria a escolha de qualquer pessoa com um mínimo de sentido estético, por ser a mais linda festa que, no mundo, os pobres oferecem aos ricos. Mas, por mais razões que encontremos para a sabedoria da viagem, as vantagens de um seminário com investidores internacionais na City de Londres não serão suficientes.

O seminário será presidido pelo primeiro-ministro John Major, que está em fim de mandato. Encontra-se na situação chamada pelos americanos de "pato manco". Em maio não escapa das eleições gerais e todas as pesquisas de opinião dão uma tal vantagem ao Partido Trabalhista que as mar-

e a política no Brasil, quando professor de ciências políticas na Universidade de Yale, foi o organizador de uma coletânea de artigos sobre regimes autoritários, do qual consta um ensaio do presidente e, se bem me lembro, também um artigo de José Serra.

Stepan deixou Yale para ser presidente da Universidade de Columbia, em Nova York, um dos lugares mais prestigiosos do mundo acadêmico americano. Quando se pensava que voltaria a Yale como seu presidente, a todos surpreendeu aceitando um convite do bilionário George Soros para implantar, partido do nada, a Universidade da Europa Central, em Budapeste. É a única universidade do mundo integralmente financiada por uma única pessoa. Passou nisto alguns anos, mantendo sempre um apartamento em Londres para os feriados e fins de semana.

Os salários que o mercado financeiro oferece são infinitamente superiores aos do mundo acadêmico britânico, apesar da excelência que as suas universidades mantêm. Logo,

gens de erro não lhe permitem esperanças de reverter a situação. Logo, a prazo curtíssimo, o interlocutor do Governo brasileiro passará a ser o Tony Blair, líder trabalhista com cabeça conservadora. Quando Fernando Henrique foi à França, os organizadores da viagem esqueceram-se de marcar um encontro com Leonel Jospin, líder da alternativa socialista à maioria atual do presidente Chirac. Desta vez, dada a proximidade das eleições, não terão sido tão preconceituosos assim. Tony Blair está na agenda.

Agenda para quê? Para explicar aos investidores o que já sabem, ou seja, que Fernando Henrique conquistou a possibilidade de ganhar mais um mandato e de passar os próximos seis anos a recebê-los de braços abertos? Isso eles já estão fartos de saber, por terem lido na imprensa e recebido os relatórios e avaliações de seus representantes no Brasil. Logo, não é por aí.

É verdade que a viagem também inclui uma passagem por Roma, para ver o Papa. O nosso presidente, como se sabe deste que perdeu para Jânio Quadros uma eleição para prefeito de São Paulo, tem dúvidas teológicas profundas. Diz respeitar todas as religiões, mas de nenhuma é adepto praticante, ao contrário de Sarney que, por via das dúvidas, a todas faz a sua genuflexão. Portanto, tampouco é por impulsos religiosos que Fernando Henrique se manda para além-mar no Sucatão reformado.

A verdade verdadeira, a razão oculta e definitiva para a viagem presidencial deve estar em uma história que ultimamente circula em Brasília.

O presidente Fernando Henrique recebeu, há algumas semanas, a visita do professor Alfred Stepan. Stepan já foi brasileiro, escreveu um livro famoso sobre os militares

Stepan não teve dificuldades em recrutar alguns dos melhores especialistas do país para a Universidade da Europa Central e, com isso, aprofundou os seus contatos com os ingleses.

Há alguns meses, dando a sua missão centro-européia por encerrada, Alfred Stepan mudou-se para o All Souls College, de Oxford.

All Souls College funciona em um imponente edifício medieval e é o sonho de todo o mandarinato intelectual do mundo: tem 40 professores e nenhum aluno. A única obrigação que os professores assumem é jantarem juntos uma vez por semana. Não chega a ser sacrifício, porque a *cave* é a melhor da universidade e a conversa, excelente. Mas não é por isto que o vetusto College interessa ao nosso presidente.

É em All Souls que se guarda, a sete chaves, a receita do elixir mágico do dr. Jekyll, tornado famoso por Robert Louis Stevenson, no seu romance "O médico e o monstro".

Na verdade, Stevenson apenas transformou em ficção um caso de dupla personalidade ocorrido em meados do século passado, que era detonado quando o médico tomava um composto de alcalóides que elimina as barreiras do subconsciente, criando uma nova personalidade, liberta de inibições.

Al Stepan trouxe um vidrinho da poção mágica para seu amigo Fernando Henrique, como contribuição da comunidade acadêmica inglesa ao processo de votação da reeleição. O presidente gastou-o todas as negociações que manteve com os nossos desprendidos parlamentares. O sucesso foi tamanho que foi agora buscar um novo frasco.

Quando toma a poção do dr. Jekyll, Fernando Henrique transforma-se no Serjão.